

Elementos religiosos do universitário

Religious traits of the university student

Sérgio Rogério Azevedo Junqueira*
Debora Nascimento Teófilo**

Resumo: Este texto é parte de um projeto de pesquisa sobre a compreensão religiosa entre estudantes da educação básica e do ensino superior visando estabelecer pressupostos para a construção de um currículo do ensino religioso e a cultura religiosa na perspectiva da diversidade religiosa brasileira. Os resultados aqui apresentados são de 72 estudantes universitários de uma instituição educacional do Paraná das áreas de exatas e sociais aplicadas, na faixa etária entre 18 e 35 anos, fazem parte do projeto piloto para identificação da leitura religiosa deste grupo para progressivamente construirmos eixos e uma estrutura curricular especificamente para a disciplina de cultura religiosa que complementa a formação profissional na graduação em algumas instituições confessionais de ensino superior. Paralelamente está sendo realizada a mesma pesquisa junto a estudantes de uma faixa etária mais nova para subsidiar a discussão no campo do ensino religioso nos diferentes segmentos da educação básica.

Palavras-chave: Educação; Ensino Religioso; Desenvolvimento Religiosa

Abstract: This text is part of a research project about religious understanding among students of basic education and higher education to establish assumptions for the construction of a curriculum of religious education and religious culture from the perspective of Brazilian religious diversity. The results presented here are 72 university students of an institution of Paraná areas of applied social and accurate between 18 and 35, are part of a pilot project to identify the reading of this religious group to progressively build axles and a curriculum specifically for discipline of religious culture that complements the training graduation in some higher education institutions. Alongside is being conducted the same survey with students of a younger age group to support the discussion in the field of religious education in different segments of basic education

Keywords: Education, Religious Education, Religious Development.

* Livre Docente e Pós-Doutor em Ciência da Religião, Doutor e Mestre em Ciências da Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR/PR. Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER – www.gper.com.br) srjunq@gmail.com

** Mestra em Teologia (PUCPR) – Graduação em Sociologia e Teologia (PUCPR). deby.nteofilo@gmail.com

Introdução

Ao se fazer uma reflexão sobre religião e religiosidade no Brasil é preciso partir do princípio de que os dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), principal fornecedor de dados do país, em última pesquisa realizada em 2010 informa que 86,8% dos brasileiros se declararam cristãos, entre católicos e evangélicos. Reconhecidos sociólogos da religião no Brasil, Faustino Teixeira e Pierre Sanchis, consideram haver cada vez mais evidente a constituição de um campo cristão plural.

Percebida de diferentes aspectos, a religião como fenômeno social é objeto de estudo das diferentes áreas das Ciências Humanas. Na sociologia Durkheimiana considerada pelo seu aspecto funcional, coletivo e relacional, e na Weberiana, mais substantivo, individual e existencial. Essa reflexão propõe não necessariamente uma análise fiel a uma teoria sociológica, mas sim um momento para, a partir dos dados empíricos coletados dos discursos de setenta e dois jovens universitários de uma instituição de ensino superior do Estado do Paraná, nos cursos noturnos de engenharia e de turismo, observar a maneira pela qual esses jovens estabelecem relações com o universo religioso ou com seres não empíricos, espirituais, invisíveis. Observar o sentido da experiência religiosa ou da fé em sua especificidade no ambiente cultural.

Para tanto, o sentido que se propõe pensar aqui é a religião no ambiente da cultura; e considerá-la nos dois sentidos citados acima pode ajudar, uma vez que em ambos se situa a fé. Não se quer dizer com isso que a religião ocupe todo o espaço da cultura, mas reconhece-se que ela compõe, ao lado de outros campos socioculturais, o ambiente cultural. Uma vez que foi no campo religioso judaico-cristão que a sociedade moderna ocidental construiu suas representações e princípios de ação como é possível perceber na obra do sociólogo Max Weber.

Com a ajuda de James Fowler (1992) é possível lançar mais luz sobre o conceito de fé como fator similar e centralizador presente em todo espaço religioso universal, capaz de atribuir valor e sentido, fundamental no relacionamento com a transcendência. A fé é uma orientação da pessoa total, dando propósito e alvo para as lutas e esperanças, para os pensamentos e ações³. Para o autor a fé é uma expressão da pessoa em resposta aquilo que a toca profunda e incondicionalmente, fé é relacionamento. Ele aproxima religião de tradições cumulativas contidas em textos, símbolos e rituais, porém vivas e dinâmicas uma vez que se transformam no ambiente cultural, já a fé é mais profunda e pessoal do que a religião, pois ela é a resposta da pessoa ao valor e poder. Conclui-se, portanto que, sendo a fé uma

³ J. FOWLER. *Estágios da Fé*, p. 24.

resposta da pessoa àquilo que ela apreende da tradição cumulativa, a fé também tem como característica a dinâmica do movimento, da mudança e da transformação.

Nesse sentido de movimento discute-se a recomposição ou a bricolagem religiosa, para reconhecer a autonomia do indivíduo em governar sua própria vida e inclusive de definir por si só em que e como acreditar, sem a mediação da tradição ou da instituição religiosa (regras pré-fixadas), estabelecendo uma distância entre crença e prática. É a liberdade com que os indivíduos constroem seu próprio sistema de fé, fora de qualquer referência de um corpo de crenças institucionalmente validado⁴.

Antes de prosseguir, o conceito de cultura aqui foi considerado em Bauman⁵, que concebe “o mundo da cultura entre criatividade e regulação normativa – inventar e preservar”. Também como um fenômeno espacial, socialmente produzido, passivo de mudança no seu papel de separar e unir entidades sociais. A mudança é o fator que garante a permanência da cultura, pois ela é “um conjunto jamais implementado de modo definitivo e sempre inconcluso.” Baseado no conceito de Levi-Strauss, o autor afirma que a cultura como de “uma matriz de permutações possíveis, finitas em número, mas incontáveis na prática”, se apresenta numa percepção de continuidade, de uma força dinâmica, afetada pela fragmentação e marcada pela variedade, resultado do “intercambio e comunicação globais em um espaço encolhido ou abolido, onde as fronteiras interculturais só podem ser traçadas experimentalmente”, - é a cultura em movimento.

É nessa direção também que Fowler⁶ trabalha a sua teoria de desenvolvimento da fé. Ele afirma que entender a fé dentro de um processo de desenvolvimento no sentido espiral e contínuo é mais próprio “em um ambiente cultural marcado pelo pluralismo ideológico, por certo grau de individualismo como etos ideológico e pelo espírito dos métodos críticos de pesquisa empírica”. Nesse ambiente a pessoa tem o seu valor reconhecido na sua singularidade e nos seus direitos individuais, além ser possível ainda a liberdade do indivíduo questionar e confrontar os mitos culturais, o que originou uma “tradição literária especulativa e sintética”.

Entender a religião como parte na composição do ambiente cultural, também pode ser importante considerar as idéias daqueles que acreditam haver um processo de dessacralização dos valores ético religiosos ou um processo unilinear e irreversível tirando a religião do domínio institucional - secularização, como também daqueles que defendem a persistência do sagrado apesar do avanço técnico-racional que termina por instigar as pessoas a buscarem respostas para o

⁴ D. HERVIEU-LÉGER. *O peregrino e o convertido*, p. 42.

⁵ Z. BAUMAN. *Ensaio sobre cultura*, pp. 18, 43, 67.

⁶ J. FOWLER. *Estágios da Fé*, p. 244.

invisível e supramundano. Pois tanto um quanto o outro convergem no princípio de que há uma mutualidade entre a cultura e a religião, uma vez que os traços que caracterizam a nossa cultura “são representados por vestígios deixados pelo cristianismo⁷”, como por exemplo, o conceito de autonomia, próprio da modernidade que encontra base na doutrina cristã e judaica, as quais propõem uma relação com deus por meio de aliança pessoal, quando cada um toma a decisão pelo pacto de maneira autônoma e livre.

Assim, os princípios dos campos culturais, inclusive o religioso, devem ser apreendidos na concepção do momento definido como pós-moderno, ou modernidade apenas, marcado pelos paradigmas científicos. Nos quais a racionalidade norteia ou domina a ação, e os meios se adaptam aos fins coerentemente. Significa que a pessoa adquire e mantém seu status social em função da sua competência adquirida por meio da educação formal. Assim, se excluiu toda e qualquer afirmação explicativa que não tenha fundamento no pensamento científico, o qual condicionou o desenvolvimento humano à ciência e à técnica.

Porem não uniformemente, pois considerando que a modernidade instaura a vida urbana, os grandes centros industriais e comerciais, e com ela as funções sociais de proteção e controle, que antes eram exercidas pelos pequenos grupos como feudo e paróquia, passam a ser de responsabilidade do Estado e a pessoa é afastada dos grupos aparentados tendo que assumir uma vida autônoma. A vida urbana instaura uma transformação social com a necessidade de individualização da pessoa, o que resulta no fenômeno da diversidade de experiências e comportamento – o individualismo⁸.

Essa diversidade oriunda da autonomia do indivíduo pode ser um fator que dificulta a uniformidade do pensamento técnico científico, marcando a modernidade pela contradição. No dizer de Bauman⁹ “diversidade é o modelo do mundo dentro de cada um de nós”. A vida moderna é sinônima de complexidade, de incoerência, de mudança, de conflito, de fragmentação, de fluxo, de divisão do trabalho, de superação dos mitos religiosos e dos valores tradicionais, da pessoa separada do seu grupo, isolada, desligada e emancipada, ao mesmo tempo em que está conectada ao mundo, exposta não mais a um conjunto de valores, mas a uma multiplicidade de valores numa pluralidade de culturas, mediadas por uma variedade incontável de autoridades diferentes e discordantes¹⁰.

De acordo com Pierre Bourdieu “Nenhuma sociedade aceita um sistema religioso estruturalmente divergente dela¹¹”.

⁷ A. BELLO. *Culturas e religiões*, p. 169.

⁸ N. ELIAS. *A sociedade dos indivíduos*, p. 79.

⁹ Z. BAUNAN. *Ensaio sobre cultura*, p. 77.

¹⁰ A. BELLO. *Culturas e Religiões*, 36; D. HERVIEU-LÉGER, *O peregrino e o convertido*, p.56.

¹¹ P. BOURDIEU. *A economia das trocas simbólicas*, p. 45.

Pesquisa Empírica

Esse ambiente cultural pós-moderno não é caracterizado pela indiferença com relação à religião, a fé ou a crença. E isso também foi possível se constatar ao se refletir sobre os dados empíricos coletados entre jovens universitários, como já foi dito, em uma entrevista escrita e semi estruturada com questões abertas, para assegurar ao entrevistador delimitar a narrativa dos episódios voltada para o objetivo da pesquisa, como também de dar ao entrevistado oportunidade de relatar suas experiências, e que essas fossem relevantes à questão em estudo, uma vez contadas em sua especificidade¹².

Os dados foram organizados, baseados no modelo do trabalho de Fowler (1992) sobre o Desenvolvimento da Fé, em tabelas numeradas por categorias interpretativas como:

- 1 - Resenha da vida
- 2 - Experiências e Relacionamento que Moldam a Vida
- 3 - Religião
- 4 - Valores e Compromissos Atuais

Sucintamente, o trabalho de Fowler, no qual se apoiou parte desse trabalho, é uma pesquisa empírica realizada com pessoas de diferentes idades, camadas sociais e religião. Ele se baseou nos conceitos formulados por Jean Piaget e por E. Erikson sobre a estrutura do desenvolvimento cognitivo humano, tomado no sentido dinâmico de impulsionar para uma evolução subsequente em direção a maturidade, e os relacionou ao desenvolvimento da fé, e denominou de “estágios da fé”, classificados em sete fases. Outros autores como Paul Tillich, Richard Niebuhr, Wilfred Cantwell Smith e Lawrence Kohlberg, também são citados no trabalho de pesquisa. Quando explica a inter-relação entre estrutura e conteúdo da fé o autor reconhece a fé como um meio do indivíduo constituir-se a si mesmo, bem como os outros e o mundo no que diz respeito a poderes, valores e histórias da realidade. Assim o exercício da fé envolve conhecimento, valoração de símbolos, crenças e práticas da comunidade ou rituais – formas e conteúdos da fé; os quais influenciam a construção dos significados que possibilitam o desenvolvimento de valores (confiança e amor) que constituem o ser humano na sua essência e na busca do sentido da vida. Portanto foi por esse aspecto, da fé que se desenvolve a partir de um ambiente cultural, que se entendeu a importância da contribuição do trabalho de James W. Fowler.

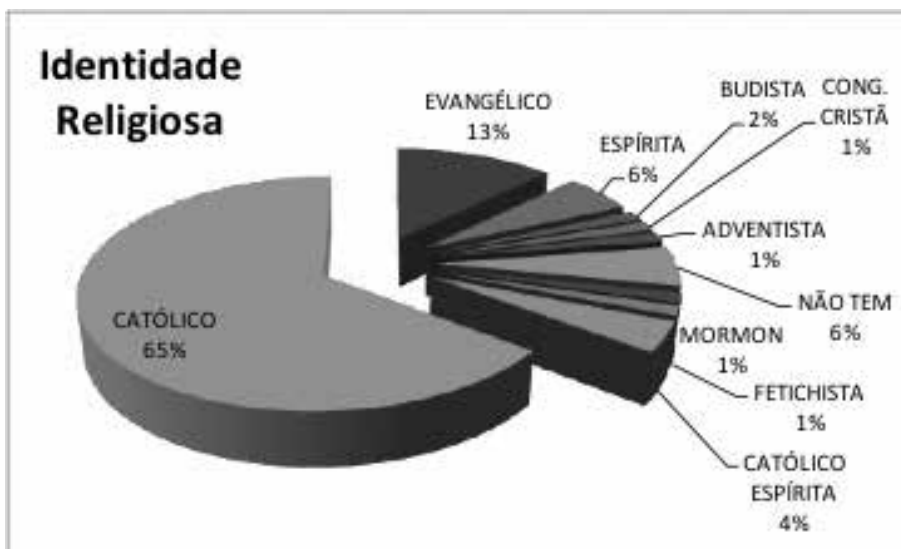
A Análise de Conteúdo foi orientada pelo método da coleta de dados refletida no conteúdo apresentado acima, sobre a religião como parte do ambiente

¹² U. FLICK. *Introdução à pesquisa qualitativa*, p. 38.

cultural. Lembrando que a Análise de Conteúdo trabalha com material textual escrito, estabelecendo categorias para sua interpretação na qual se valoriza a palavra, tendo o texto como meio de expressão do sujeito. Na análise do conteúdo busca-se “compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto, numa concepção transparente de linguagem¹³”.

1. Resenha de Vida

As entrevistas foram realizadas com setenta e dois jovens na idade entre 18 e 35 anos. Dos quais 40% se declaram ser do sexo feminino e 60% masculino; 87% vivem na companhia de pai e mãe, apenas 13% vive só com a mãe. A ocupação dos pais é variada, sendo a maioria deles autônomos (23) e técnicos (23), os demais são aposentados (9), domésticos (6), vendedores (6) funcionários públicos (4) e um não respondeu a pergunta.



Quadro 1

Ao serem questionados sobre sua identidade religiosa 65% dos jovens se declararam católicos, 13% evangélicos, 6% espíritas, 2% budista, 1% da Congregação Cristã no Brasil, 6% disseram não pertencer a nenhuma religião, 1% é mórmon, 1% é fetichista, 1% é cristão, 1% adventista, e 4% disseram ser católicos espíritas. Sobre a identidade religiosa dos pais foi possível identificar que 78% dos

¹³ R. CARENATO; R; MUTTI. *Pesquisa qualitativa*, 683.

jovens declaram pertencer à mesma religião que seus pais; outros 22% tem escolhas religiosas diferentes da família.

Nas respostas dadas então se percebe uma presença mássica da crença ou da religiosidade, sem querer problematizar o momento e o significado dessa dimensão religiosa, mas apenas constatar que entre setenta e dois jovens universitários apenas 6% disseram não pertencer a nenhuma religião.

Ainda visando identificar, numa resenha da vida, quais as operações de valoração podem ser percebidas nos jovens por meio de dados objetivos, nas lembranças do passado, ao dividirem a vida em três capítulos, bem como uma perspectiva para o futuro, nas respostas dadas é possível perceber a força dos laços familiares como significado e principal centro de valor, a presença da família como lócus de autoridade, como norteadora, pois 81% dos jovens fizeram menção da família em primeiro lugar e em segundo a formação acadêmica e o sonho da carreira profissional. Pode-se perceber que a identidade desses jovens deriva da pertença a uma família e a importância de uma formação acadêmica. Para 15%, além da família e da formação profissional, o mundo religioso também é parte importante na jornada da vida, porem sem a presença da instituição. A fala aponta apenas para o relacionamento pessoal com o mundo espiritual. Apenas 4% dos entrevistados não responderam.

Quando os entrevistados fazem referencia à família o que está figurando são fatores como “pertencimento, intimidade e intensidade emocional¹⁴”.



Quadro 2

¹⁴ C. FONSECA. *Fabricando família*, pp. 225-229.

Esse relacionamento estreito com a família pode ser compreendido como próprio da fase da idade, entendido na teoria do desenvolvimento de Erikson (1984) quando o jovem manifesta a capacidade de se comprometer em relacionamentos de intimidade, em parcerias concretas, associações solidárias estreitas em grupos. Como também pode denotar uma realidade de dependência emocional e financeira da família, uma espécie de adolescência prolongada. Norbert Elias¹⁵ comenta que na sociedade moderna o ajuste dos jovens nas funções sociais adultas são complexas e demoradas devido ao aumento de exigência de especialização e a diversificação das carreiras. Assim têm-se pessoas biologicamente maduras porem socialmente imaturas.

Na pergunta feita mais especificamente sobre o que dá sentido a vida, 21% disseram que o foco está em deus como aquele que confere uma expectativa de futuro, de salvação, de eternidade; 50% apontaram a família como a propulsora dos sonhos, dos ideais de futuro e de continuidade, com quem estão comprometidos no sentido de serem motivos de orgulho e alegria, 7% atribuíram o sentido da vida a formação acadêmica e a realização profissional como a oportunidade de ser alguém, de construir algo, de serem reconhecidos; 5% não respondeu a pergunta. Para 17% dos jovens o sentido da vida está em um plano mais subjetivo, como “momentos felizes”, “a sabedoria”, “fazer o mundo um lugar feliz”, “acreditar”, “ser uma pessoa boa”.



Quadro 03

¹⁵ N. ELIAS. *A sociedade dos indivíduos*, p. 104.

É natural que jovens acadêmicos tenham na formação e na carreira profissional o sentido de continuidade de futuro. Lembrando que o ambiente cultural contemporâneo é marcado por essa racionalidade da valorização do conhecimento científico e da formação técnica como possibilidade de conquista de status social e independência financeira.

2. Experiências e relacionamentos que moldam a vida

Sobre as experiências e relacionamentos que moldam a vida, a pergunta feita foi quais relacionamentos são mais importantes; 68% dos jovens responderam, mais uma vez, ser a família; 14% colocaram deus como uma segunda pessoa depois da família. Observa-se que foi colocado deus como uma pessoa de relacionamento pessoal e não uma comunidade ou igreja como instituição; 3% afirmaram ser deus o único relacionamento mais importante; 2% mencionou a Igreja, sem descrever pessoas; 11% falaram de amizades, porém não apresentaram nomes, nem comentários sobre relacionamentos pessoais; 1% falou da importância dos relacionamentos no ambiente profissional e 1% não respondeu a pergunta.



Quadro 04

Numa segunda tentativa de captar a dimensão do ambiente de compartilhamento e vivência, a pergunta foi quais outras pessoas moldaram sua perspectiva de vida. Ainda assim, 35% atribuíram à família, 33% a uma pessoa sem dizer quem, 7% a Jesus, 3% a professores, 6% a namorados, 14% disseram não haver ninguém, 1% ao pastor e 1% não respondeu a pergunta.

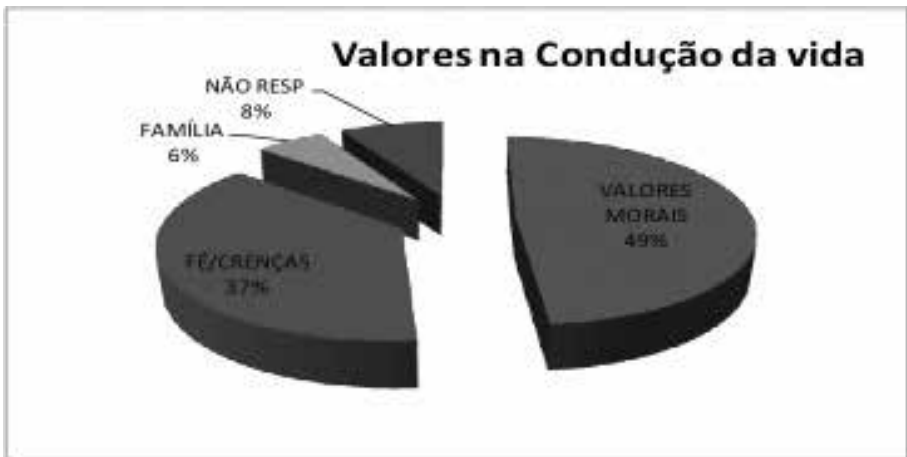
Há uma ausência de figuras adultas de identificação para fora da família na fala desses jovens. Quando eles não fazem referência à família, apresentam amigos (as) ou namoradas (os), porem como iguais. Apesar de 94% dos jovens declararem ter uma religião, no momento de apresentar outras pessoas, além daquelas apresentadas nos relacionamentos mais importantes onde prevaleceu a presença da família, apenas 1% apresentou uma figura ligada a instituição religiosa – o pastor. Percebe-se a falta do vínculo desses jovens com uma comunidade religiosa, uma instituição religiosa. São pessoas que declaram uma fé, porem é uma fé desvinculada de mediação, sem pertença e sem referencia identitárias. Há ausência de outras possíveis referencias de autoridade, de influência, como por exemplo, uma pessoa do ambiente escolar, em se tratando de jovens em fase de estudo e formação. O fato é que é possível constatar certo isolamento social do espaço religioso onde deveria ser propicio os relacionamentos de amizade e troca, tanto quanto o da escola ou vizinhança.



Quadro 05

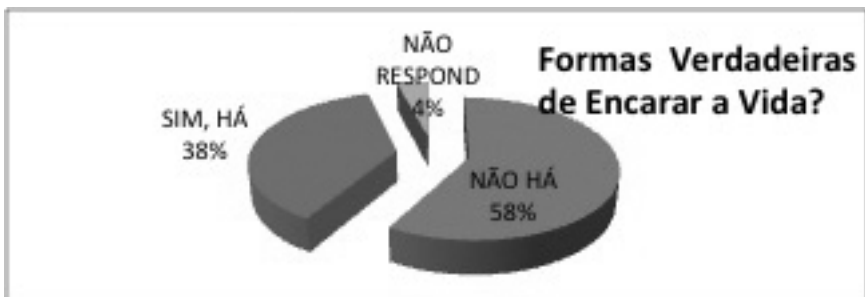
Ao pedir-lhes que descrevessem as crenças e valores ou atitudes são mais importantes na condução da própria vida, para 49% a vida deve ser conduzida

balizada por valores morais como respeito e honestidade, desvinculados da questão religiosa, como alguns fizeram questão de frisar, para 37% por valores e princípios religiosos como amor e obediência a deus, fé, crença e a religião, para 6% os valores são os da família e 8% não responderam.



Quadro 06

A terceira pergunta na mesma tabela foi se há formas mais verdadeiras ou corretas de encarar a vida, 58% jovens responderam não, argumentando que “cada um tem seu ponto de vista” ou seu “conceito de verdade” e do que “é correto”; 38% responderam que sim, verdadeiras e corretas no sentido de valores morais em relação ao próximo; 4% não responderam.

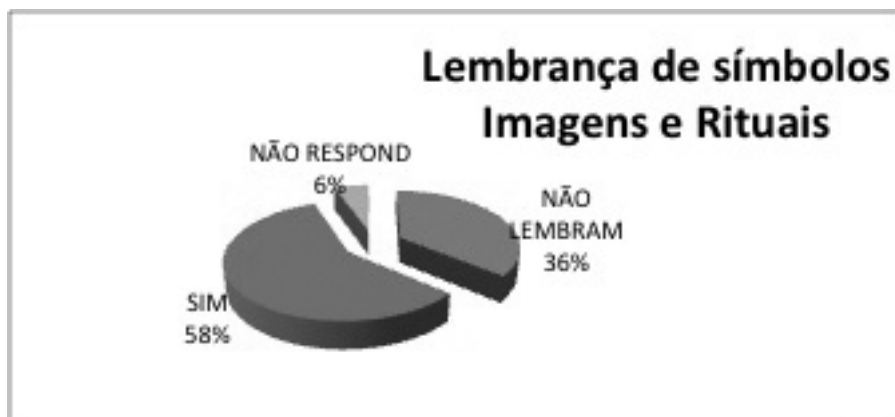


Quadro 07

Essa relativização da verdade, do correto na forma de conduzir a vida pode ser refletida a luz do conceito de individualização, quando 58% afirmam “cada

um tem seu ponto de vista”, significa que não há um lócus de autoridade para dizer a todos em comum o que se pode ou não na condução da vida. Os 38% que acreditam haver esse valor, o fazem entendendo como valor moral, na pergunta anterior a esta sobre valor para conduzir a própria vida 37% responderam fé, porem diante da questão se há uma forma mais verdadeira que outra a resposta relativizou e individualizou a decisão. Percebe-se ai a força da ideia de autonomia. Pensando nos princípios cristãos (e aqui 65% são católicos e 13% evangélicos) a igreja institucionalizada tem seu conjunto de doutrina onde ensina as formas corretas de encarar a vida, e os 38% que disseram sim, partiram do principio do valor ético e não religioso doutrinal.

Sobre a lembrança de símbolos, imagens ou rituais importantes 36% disseram que não as tem; 58% afirmaram que sim citando símbolos como a cruz, imagens de santos católicos e escapulário, rituais como a santa ceia, batismo, casamento, oração e leitura bíblica; 6% não responderam.



Quadro 08

Porem nenhum dos jovens refletiu sobre os símbolos, de modo a formar conceitos. A resposta curta manifesta uma lembrança como algo distante sem desmitologização, sem uma “interpretação significativa, sem proposições, sem definições ou fundamentos conceptuais”, que segundo Fowler¹⁶ deveria ser natural no estágio da fé própria de jovens entre dezoito e trinta e cinco anos.

Mas também é importante lembrar que uma das características da modernidade é a desritualização da vida, “os ritos, e até as cerimônias, tem tendência a cair em desuso nas situações urbanas modernas em que a base material da vida, a

¹⁶ J. FOWLER. *Estágios da fé*, p. 152.

fragmentação dos papéis e das atividades separam por si mesmas os papéis sociais”. Hoje há formas mais modestas de celebração e o rito de modo geral foi reduzido em formas mais simples, isso em função, principalmente, dos valores do individualismo. “Todo o ritual desmoronou quando a partilha da crença se rompeu”, na sociedade contemporânea o “grupo reunido não é mais uma coletividade que participa de uma emoção comum¹⁷”.

3. Religião: vínculos e expressões de religiosidade

Visando distinguir os vínculos religiosos e as expressões de religiosidade dos jovens, nessa tabela foram feitas quatro perguntas. A primeira foi o que você entende por religião, 69% dos jovens explicaram religião pela via da crença; 14% entendem religião como um conjunto de doutrinas ou regras as quais devem ser seguidas; 6% percebem a religião como uma resposta às questões humanas, as quais não foram encontradas em outros tipos de conhecimentos. Para 3% a religião é um fator de unidade entre pessoas, 1% a vê como estilo de vida, 1% a entende como meio de manipulação e controle e 6% não responderam a questão.



Quadro 09

Para os 69% que veem a religião como crença é um crê relacionado a um transcendente, a deus como absoluto, e a uma satisfação de necessidades da pessoa como conforto, força, esperança, etc. Os 14% que definiram religião como

¹⁷ M. SEGALEM. *Ritos e rituais*, pp. 58-61.

doutrina partiu do princípio da regra, da regulação, do ensino e utilizaram palavras como “formação”, “organizar”, “regras”, “jeito de pensar”, etc. E para os 6% que a classificaram como resposta entendem que há perguntas cujas respostas só podem ser dadas pela religião. Mais uma vez percebe-se que não houve uma preocupação de mencionar a autoridade ou o espaço religioso para definir religião, mas nas respostas a religião está muito mais vinculada às experiências humanas de relacionamento, sem instituições.

Fowler (1992) afirma que uma característica fundante da fé é o relacional, a relação com o outro e com o transcendente. E aí o autor trabalha sobre o importante papel da comunidade de fé no processo desenvolvimento de fé da pessoa, mais do que um conjunto de doutrinas, um espaço onde se privilegia o relacionamento, a troca, a comunhão.

A segunda pergunta foi se o jovem considerava-se uma pessoa religiosa. 35% responderam sim, porem fizeram questão de ressaltar que possuem sua maneira própria de ser religioso; 44% disseram sim, acrescentando a assiduidade nos rituais, e 21% responderam não serem religiosos.



Quadro 10

Hervieu-Léger¹⁸ fala de uma forma contemporânea de ser religioso, a qual denota a individualização e a subjetividade das crenças religiosas, a liberdade de construir seu próprio sistema de fé, próprio da modernidade que inaugurou a desregulação da religião institucionalizada e a possibilidade concreta do “indivíduo elaborar seu próprio universo de normas e valores a partir de sua experiência singular, vencendo os esforços reguladores das instituições” o chamado de “individualismo religioso”, ou seja, o indivíduo valida por si mesmo sua crença tendo como critério a certeza subjetiva.

¹⁸ D. HERVIEU-LÉGER. *O peregrino e o convertido*, p. 161.

As identidades, também no campo da religião, doravante são - ou são sentidas como - em boa parte construída, pela escolha autônoma dos sujeitos sociais. A pluralidade religiosa não constitui simplesmente o advento de uma situação quantitativa, de uma multiplicação insólita. Na sua densidade atual, ela abre qualitativamente um novo regime em muitas sociedades (SANCHIS, Pierre, 2008).

A terceira pergunta foi – você já teve experiência religiosa importante, quais e como? – Experiência religiosa aqui foi entendida como um ato de se atribuir valor aquilo que se sente diante do que se crê. 78% afirmaram ter tido uma experiência religiosa, a diferença observada foi que 38% relataram experiências sobrenaturais, com manifestações espirituais, 40% relataram experiências relacionadas com mudanças comportamentais produzidas por meio da compreensão racional de certos princípios ou verdades religiosas como também por participações em rituais como comunhão, batismo, crisma, conversão, cura, oração; 22% dos jovens afirmaram nunca terem tido uma experiência.

Na pergunta feita mais especificamente sobre o que dá sentido a vida, 21% disseram que o foco está em deus como aquele que confere uma expectativa de futuro, de salvação, de eternidade;

A quarta e última pergunta foi – que sentimentos você tem ao pensar sobre deus? – (uma vez que ao responderem às perguntas sobre o que é religião e o que dá sentido a vida, a maioria dos jovens fez referência a deus como absoluto) 24% fizeram menção de atributos de deus, como magnífico, sábio, justo, criador, poderoso e soberano. 50% relataram sentimentos como de paz, amor, gratidão, segurança, esperança, confiança e alegria. 13% responderam sentir medo, insegurança e dúvida. 9% disseram não sentirem nada, afinal não acreditam na existência de deus. Para 3% a família continua sendo resposta. 1% não respondeu.

Ao se levar em conta o universo religioso brasileiro que tem na sua maioria, como já foi citado, (86,9%) uma referência de base cristã, é possível perceber os bens simbólicos significativos quando os entrevistados fazem referência a uma deidade como transcendente, absoluto, totalmente outro, ainda que não externem um sentimento de vinculação.

Um fato importante para apontar aqui é que, apesar de atribuírem o sentido e o significado da vida a uma esperança de salvação como vontade e ação de deus, 24% dos jovens tiveram dificuldade de descrever seus sentimentos e emoções em relação a esse deus a quem eles mesmos atribuem o sentido da vida, dificuldade para descrever estados interiores, sentimentos e emoções. De acordo com Fowler (1992), quando a pessoa relata seus sentimentos em relação a deus por meio de atributos evidencia uma relação de julgamento moral cognitiva sem uma identificação ou relação pessoal e íntima que reflita nas emoções e nos sentimentos.

Ao construir sua teoria sobre o desenvolvimento da fé, Fowler(1992) não considerou apenas as estruturas formais lógicas da razão para os estágios da fé, pois para ele a fé implica, além da racionalidade, passionalidade, conhecimento, valoração e comprometimento. Ou seja, no que diz respeito à fé cognição e sentimentos não são elementos separados.



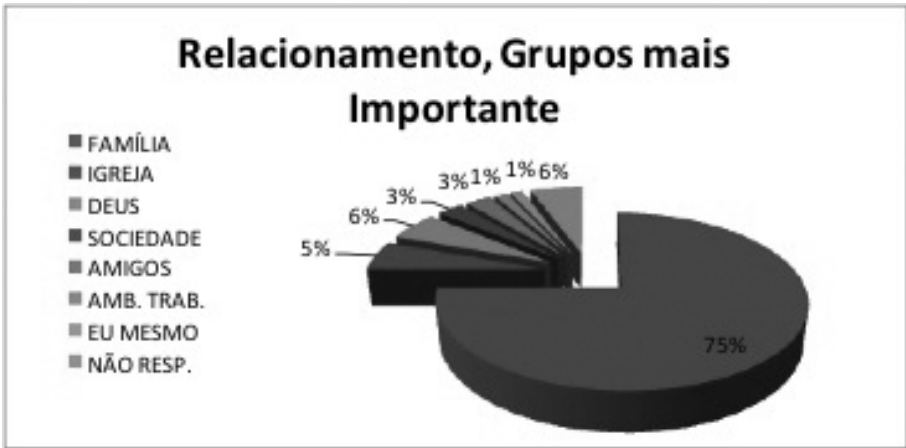
Quadro 11

4. Valores e compromissos atuais

Cinco perguntas foram realizadas nessa tabela. A primeira foi quais os relacionamentos ou grupos são os mais importantes como apoio para os seus valores e crenças. 75% mais uma vez atribuíram a família, 5% à comunidade religiosa ou igreja. 6% mencionaram a pessoa de deus. 3% acreditam ser a sociedade, 3% os amigos, 1% entende que os relacionamentos no ambiente de trabalho, e 1% disse que é o relacionamento dele com ele mesmo. 6% não responderam.

A segunda questão foi – diante de uma decisão ou escolha importante a tomar, como é que você decide? – 40% responderam tomar decisão por si mesmo, a partir de uma reflexão, análise e planejamento. 28% recorrem à família na busca de conselho e orientação. 28% buscam inspiração e direção em deus, por meio de oração, e 4% consultam pessoas mais experientes.

A terceira pergunta foi – diante dos momentos de desafios, o que sustenta ou renova sua esperança? – Para 38% a família continua sendo fonte de renovação e inspiração para continuar. Para 28% a sustentação está na busca religiosa exemplificada na pessoa de deus, na participação de ritual, meditação e leitura. 29% entendem que a esperança pode ser renovada na força natural que cada um tem em si mesmo e que as coisas têm seu curso natural. 1% atribuiu à comunidade religiosa, 1% as pessoas de seu convívio, 3% não responderam.



Quadro 12

A quarta pergunta sobre o futuro, o que o faz sentir-se mais ansioso ou apreensivo; 70% responderam a essa pergunta tomando a vida material produtiva como base de expectativa de futuro e segurança, vida tranquila, realização de sonhos, formação acadêmica. 8% pensam que a construção de uma família, o casamento e filhos, é o que lhes gera apreensão. 8% se sentem apreensivos em relação à morte, a perda de entes queridos; 3% temem um acontecimento apocalíptico e 11% não responderam a questão.



Quadro 13

A quinta e última pergunta foi o que a morte significa para você, o que acontece conosco quando morremos. 72% a morte tem um sentido de continuidade, em termos de outra vida, respondendo “vamos” ou “vai para...”, “é o início de”, “começo”, “mudança”. 15% crêem na morte como um fim, final, término. 10% disseram ter muitas dúvidas e 3% não responderam a pergunta.

Lembrando que os jovens que participaram desse trabalho são universitários, é natural que coloquem grande parte de sua expectativa de futuro naquilo que empreenderam uma carreira profissional resultada de uma formação acadêmica, estão focados nisso.

Sobre a forma como eles encaram a morte, percebe-se uma relação com a fé monoteísta orientada em relação à continuidade, a um reino vindouro, como promessa de um futuro, vida pós-morte. Mais especificamente as religiões cristãs, como católica e evangélica, revela a intenção divina de redimir ou restaurar. É a fé fundamentada nas promessas de futuridade do reino vindouro.

Considerações

O elemento identificado nesta pesquisa, como se propôs, verificou a sensibilidade dos jovens em relação a temas como família, amigos, perda de entes próximos, a perspectiva de futuro ou de sentido da vida, como também foi possível identificar a qualificação e o centro organizador da vida, do relacionamento com o outro, a significação coletiva, ou seja, daqueles que estão envolvidos na dinâmica social, os espaços culturais (escola, vizinhança, ambientes de trabalho, grupos de amigos), os referenciais significativos nos quais se desenvolvem o processo de socialização.

Considerando-se a fé como uma experiência de confiança, fidelidade, vínculo de lealdade, centro de valor e poder, percebeu-se que a estrutura actual e o vínculo de identidade e fidelidade dos jovens estão colocados na família, é ela quem ocupa o papel central de referencia, o centro organizador, o lócus de autoridade e o ambiente último, ao lado de uma imagem de mundo voltada para a ascensão econômica por meio da carreira profissional.

As outras instituições, como as religiosas e educacionais, não configuram em proporção significativa, nem mesmo na figura de alguém que tenha marcado como referencia ou modelo a vida desses jovens, nem pares e nem adultos. Fowler¹⁹ considera que a experiência de mundo ampliada para além da família é a característica principal do estágio três da fé denominada de fé sintético-convencional, próprio da faixa etária dos jovens, é quando a fé proporciona a pessoa uma orientação coerente em meio a uma gama mais complexa e diversificada de envolvimento.

¹⁹ J. FOWLER. *Estágios da fé*, p. 147.

Lembrando que a assunção para outros relacionamentos, para além do núcleo familiar, é importante para a formação da identidade dos jovens, pois é onde eles poderão, deixando o seu lar emocionalmente, estabelecer relações de desvelo, altruísmo, experiências constantes pelo bem estar de outros e compromentimentos morais baseados em princípios e valores quando estão longe do olhar e controle daqueles que acreditam neles. Além de que a fé se define no seu aspecto universal, sobretudo por sua dimensão social e relacional, uma vez que fé é a forma como vemos o mundo, é um tipo de conhecimento e de valorização de nós mesmos, dos outros e do mundo; ela é um processo de troca, é interacional.

Observar os fatores levantados nos discursos desses jovens, tais como: - fragilidade de laços sociais, o esvaziamento na presença das instituições, a dificuldade de expressar sentimentos e emoções, o desprovemento dos processos simbólicos em geral, um fraco senso auto-reflexivo e uma posição religiosa que não reflete nas emoções e nos sentimentos de vinculação em relação a deus -; podem contribuir na busca de se estabelecer critérios para articulação de temas na formação do currículo da disciplina de cultura religiosa nos diferentes cursos de graduação nas instituições confessionais, como objetivo colocado nessa reflexão.

Para tanto se sugere considerar temas que possibilitem: 1. Penetrar e esclarecer formas de se lidar com os momentos trágicos da vida social (a perda e a morte); 2. Promover espaço para se reelaborar imagens pessoais do divino ou para se conhecer e perceber as condições da própria vida em relação às imagens de um ambiente último ou de coordenadas de valor e poder (fé); 3. Estimular a lembrança simbólica na perspectiva da desmitologização para então reelaborar, num processo introspectivo e reflexivo, o significado dos fatores inconscientes que influenciam as ações, escolhas e comportamentos.

Referenciais

- BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio Sobre o Conceito de Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2012.
- BELLO, Ângela Ales. *Culturas e Religiões: Uma leitura fenomenológica*. Bauru, SP: Edusc, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5. ed., São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CAREGNATO, Rita C. A. & MUTTI, Regina. *Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo*. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out/Dez, 15(4): 679-84.
- CROATTO, José S. *As Linguagens da Experiência Religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2001.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994.
- ERIKSON, Erik H. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- FLICK, Uwe. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Cláudia. *Fabricando família: políticas públicas para o acolhimento de jovens em situação de risco*. IN JACQUET, Christine & COSTA, Líva F. (orgs) *Família em Mudança*, São Paulo: Companhia Limitada, 2004. p. 215.

FOWLER, James W. *Estágios da Fé*, São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1992.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O Peregrino e o Convertido: A religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008.

SANCHIS, Pierre. *Cultura Brasileira e Religião: Passado e Atualidade*. São Paulo: USP, V.19, n.2, 2008. P. 31-47.

SEGALEM, Martine. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

Recebido: 11/10/2013

Aprovado: 18/11/2013